

# O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSÁVEL — GUALDINO VALLADARES

1.º ANNO

QUINTA FEIRA 12 DE JULHO DE 1866

NUMERO 53

## INTERIOR

BRAGA

### Somnambulismo ministerial.

Fallou-se em tentativas de revolta militar. Ninguém disse onde, como, nem por que, nem para que; mas o governo tomou providencias e a patria está salva!

Está salva a patria, graças á vigilancia do governo, que chegou uma vez a reunir-se em conselho ás duas horas da noite para suffocar uma rebelião em que sonhára!

Gloria, pois, aos homens do ministerio que fizeram o sacrificio do seu sono ou dos seus prazeres para salvarem a patria ás duas horas da noite!

Assim proclama por todas as vozes a imprensa governamental em sua ingenua credulidade. Os sonhos dos ministros—diz ella—são propheticos...

O sr. Martens Ferrão é um philosopho asceta e por isso nada admira que elle seja visitado á noite por visões eguaes ás do presbytero de Carteira. E, pondo de parte os sonhos do sr. Ferrão, não está alli tambem o sr. Barjona de Freitas, philosopho peripathetico, que como Numa conversa alta noite nos bosques com a nymphá Egeria?

Digam agora se os portuguezes de hoje não são mais felizes que os lusitanos do tempo de Sertorio simplesmente inspirado por uma corça fatiada?!

Callem-se, portanto, os impios, os scismaticos e os incredulos da opposição, que querem entender de tudo, mesmo do sobrenatural! Silencio! criticos sem alma nem coração, que com a vossa impertinente curiosidade pretendeis explicar todo por *somnambulismo*.

### O lobo e o cordeiro

O sr. general barão de Zezere lá foi deportado para as ilhas. S. ex.ª protestou primeiro contra o pretendido fundamento d'aquella deportação, que eram suspeitos do nobre general querer tentar contra a ordem publica. O ministro ouviu o protesto e declarou não acreditar nos boatos infamantes; porque de contrario, disse elle, teria forças de metter em processo o delinquento. Mas depois allegou conveniencias do serviço militar.

O sr. barão de Zezere oppoz que, em vista do mau estado da sua saúde, mais conviria ao serviço que elle partisse para o seu destino, depois de completamente convalescido. O ministro fingiu attender a esta razão e mandou consultar a junta militar de saúde. A junta opinou em favor do sr. barão de Zezere; mas a final o ministro determinou que s. ex.ª partisse immediatamente para a Ilha!

## FOLHETIM

NAS CINZAS

ROMANCE D'EUGENE BERTAUD

TRADUÇÃO LIVRE

Augusto Valladares

(CONTINUAÇÃO)

XIII

No dia seguinte o senhor Germinal regressou a Paris. E' inutil dizer que foi de passagem.

Poussigou entrou em casa, a senhora quatro horas usou reconhecendo; em vinte e envelhecido vinte e qua-

Venceram as rasões do Lobo!... E diga-se que não somos governados por ministros liberais, tolerantes e piedosos, que não duvidam sacrificar a vida de um homem, d'um general carregado de annos e serviços á salvação da Patria!

O senso commum, porém, que não é o senso do governo, aconselhava muitos outros meios de precaver a ordem publica contra os males que podem prover-lhe da doença do sr. Barão de Zezere.

### Caramba 23.º

O sr. secretario geral quer passar por força á posteridade; não se contenta de figurar ao lado do sr. governador civil, como seu acolyto e conselheiro e participante das suas glorias!

Quer um quadro só para si onde faça admirar o seu grande vulto politico, irrita-se, barafusta e berra por não lhe havermos concedido ainda esta merecida honra.

Serene, pois, o sr. José Joaquim; que nós trataremos de satisfazer os seus desejos neste mesmo artigo.

Quando censurámos o insolito procedimento que o sr. governador civil é o seu secretario tiveram com alguns dos seus subditos liberais, entendiamos nós que as singellas observações que fizemos, de nada mais deveriam servir do que a convidar estas auctoridades a procederem no futuro com mais prudencia e acerto na sua administração.

Estavamos intimamente convencidos que fazíamos algum serviço aos liberais, apontando-lhes os actos injustos e insultuosos praticados por s. ex.ª contra alguns d'elles, que tem a desgraça de viverem hoje nesta terra.

Vendo o modo traço e inconveniente porque tentavam desconhecitar-nos na opinião publica, julgamos dever-nos, mas dever imperegrino e rigoroso, castigar os auctores desta traição, desmascarando-os, para que todos ficassem conhecendo em toda a sua luz o motivo de tão baixa, como affrontosa insinuação.

Persuadimo-nos que não havendo da nossa parte injusticia na accusação, não tinham de que queixar-se contra nós o sr. governador civil e o seu secretario.

Tristissima illusão a nossa!

Provocámos as iras do sr. secretario; soffrer-lhe-hemos agora as consequências.

Que fomos nós fazer! Chamar a s. ex.ª despotico, orgulhoso e inimigo dos liberais!

E' isto cousa que se diga? Viu-se já attentado como este?! Saerilegio inaudito! blasfemia execranda!

Quem ha ahi que se atreva a constestar os sentimentos liberais e progressistas de s. ex.ª?!

Pararam no principio; a carteira estava virgem de todos os apontamentos que podessem servir d'indicação; as folhas quasi todas em branco, apenas fornecidas ao senhor Germinal algumas notas de vendas e compras e despesas, escritas com uma calligraphia de rapaz d'escola, umas á pena, outras á lapis.

O viuvo atolou-se n'uma perplexidade profunda; reflexionou tanto tempo que se lhe enevoaram os olhos, e fizeram-lhe ver as estrellas; esmagado por tantas emoções diversas, fechou a carteira no fundo d'uma gaveta, metteu a chave debaixo do travessete e deitou-se.

Não pôde dormir, mas em compensação teve pesadelos; pelas frestas da janella, pelo buraco da fechadura, pelo tubo da chaminé, introduziram-se ladrões que abriram a gaveta; com uma subtilidade detestavel.

O sr. Germinal, inundado em suor frio, saltou abaixo da cama; e em pé, descalço, immovel ao seu fluctuante vestuario, gastou o resto da noite a cogitar onde poderia enterrar o importuno thesouro.

Ao romper do dia, deu á luz uma ideia;

Não tem elle sempre dado as mais exuberantes provas do seu liberalismo? Pois não se lembram ainda todos da sua sempre memoravel administração, quando por infelicidade d'este concelho, foi seu administrador?!

Não se recordam, todos com saudades das maneiras arrogantes e despoticas com que então foram tratados?!

E aquelles que já o esqueceram não tem estes dias ouvido nas praças, nas ruas, em toda a parte as delicadas e sentidas queixas que s. ex.ª tem feito?!

Não terão sido as expressões de s. ex.ª um protesto vivo e eloquente contra os que se atrevessem a duvidar dos seus instinctos liberais?!

Mas se isto não basta; se querem mais provas, ahí estão os actuaes recordadores a certificarem a maneira liberal e tolerante por que s. ex.ª foi com o sr. Governador civil, n'uma das sessões da camara, propor-lhes a demissão d'um empregado d'aquella repartição, por este não ter querido trabalhar nas eleições municipaes a favor da auctoridade!!

Ahi estão os dignos membros da Commissão do seminario dos orfãos para dizerem, os esforços que s. ex.ª fez para que na nova arrematação da typographia, se estipulasse a condição de que o arrendatario não podesse alli imprimir senão jornaes religiosos! (E alli que se imprime o Partido Liberal)

Ahi estão, finalmente todos os conselheiros de Districto para testemunharem as inconveniencias e prepotencias desejadas por s. ex.ª na occasião de ser consultado sobre a necessidade de se estabelecerem no lyceu as repartições do governo civil!

E como estes poderíamos ainda citar mais factos, que todos provam as *tendencias rasgadamente liberais* de s. ex.ª.

Ora em vista do que levamos dito parece que o sr. José Joaquim, em lugar de votar ao desprezo os redactores d'este jornal, teria feito melhor se reconhecesse o seu erro, emendando-se no futuro; mesmo para lhe não applicarmos aquella sentença do divino mestre: *Va qui spernis, nonne et ipse sperneris*.

Estas são não só as nossas ideias mas tambem as de todos os liberais a respeito de s. ex.ª; e se alguns não tem a coragem de lho dizer, creia s. ex.ª que nem por isso deixam de o sentir.

### Considerações sobre as fortificações de Lisboa.

Durante a ultima sessão legislativa tratou-se, por tres vezes, na camara dos pares, das obras de fortificação de Lisboa e do Tejo, as quaes são a base fundamental e indispensavel do systema defensivo do reino.

Encerrada que foi a sessão annual, procurei pôr em ordem varios documen-

tos, para com elles formar uma pequena memoria destinada a ser publicada quando de novo as cortes se reunissem, para servir de esclarecimento á discussão do grave assumpto de que trata.

Agora perem que a guerra existe além do Reno e dos Alpes, e que, se lhe falhasse a esperança de paz, que presentemente ha, ella poderia talvez generalisar-se até á nossa peninsula; parece-me opportuno fazer imprimir o dito trabalho, que brevemente deverá apparecer, e do qual fazem parte as seguintes considerações.

A cidade de Lisboa não se acha actualmente ao abrigo de um bombardeamento, nem poderia defender-se contra um ataque que, por mar ou por terra, repentinamente lhe fosse feito, por uma força adequada e habilmente dirigida.

A fortificação desta capital é o unico meio que ha para dar remedio a um tão perigoso estado de coisas; e por dois motivos poderá fazer-se; ou construindo obras de fortificação permanente, como as de Paris, Anvers, Portsmouth e outras cidades, ou simplesmente obras de fortificação de campanha.

São as primeiras que deveriam ser preferidas, se a urgencia não existisse. Mas para se effectuarem, carecer-se-hia de um largo espaço de tempo e de um capital de alguns milhares de contos de reis, somma esta que para ser applicada ás construcções necessarias para a defesa da independencia nacional, não seria, de certo, recusada pelos poderes do estado.

As obras de fortificação de campanha podem fazer-se em poucos mezes, e por um custo, comparativamente, pequeno; convindo porém que na sua direcção se proceda de tal sorte, que os trabalhos executados possam aproveitar-se pelo menos em parte, quando ulteriormente se construírem as fortificações permanentes.

Nas famosas linhas de Torres Vedras temos um exemplo, que é util recordar. Ellas são formadas por duas linhas de fortes quasi parallelas entre si e de sete legoas de extensão cada uma, cujos flancos são o Tejo e o Oceano. Quando o exercito aliado se occupou em outubro de 1810, havia 126 obras construidas, que foram armadas com 217 bocas de fogo. Dez mezes se haviam empregado nos trabalhos, cujo custo orçava por 450.000\$ reis.

O marechal Massena, commandante do exercito francez, havendo feito um reconhecimento minucioso destas posições entrincheiradas, julgou não poder atacal-as com probabilidade de as tomar; e poucas semanas depois de as ter reconhecido retirou-se com o exercito para Santarem e d'ahi, em março de 1911, para além da nossa fronteira, concluindo assim a terceira e ultima invasão franceza.

Outro exemplo memoravel é o das li-

neas do Porto, mandadas construir em 1832, por S. M. o Senhor D. Pedro IV, quando a causa que defendiamos se achava em grande risco de perder-se. As obras foram executadas rapidamente, e eram quasi todas imperfeitas. Resistiram porém durante muitos mezes aos repetidos ataques de um inimigo muito superior em força, e em outros recursos. A admiravel perseverança do principe, que presidiu á sua construcção e ao valor dos seus subordinados, se deveu o triumpho da causa. Mas sem aquellas fortificações este triumpho teria sido impossivel.

Este exemplo deverá ter-se sempre em memoria quando se tratar da defeza do reino e em especial da defeza de Lisboa.

As linhas mandadas fazer em 1833, pelo mesmo augusto peíncipe para a defeza desta capital, foram construidas em menos de um mez, sob a direcção do sr. coronel Costa, hoje general de divisão; compunham-se ellas de 27 obras principaes armadas com 184 bocas de fogo, e custaram ao estado reis 72.000\$000.

Estes tres exemplos bastam para mostrar que é possivel que a capital da monarchia seja posta ao abrigo de um ataque de viva força, n'um curto prazo de tempo, e com uma despesa pouco consideravel.

A's linhas de Torres Vedras deveu Portugal a sua independencia; e a's linhas do Porto e Lisboa o triumpho da causa da liberdade e dos direitos da dynastia reinante.

Esta cidade, pela configuração do terreno em que está edificada e d'aquelle que a circunda, reúne condições taes, que a tornam susceptivel de poder pela applicação da sciencia do engenheiro, vir a ser uma das mais fortes capitães da Europa, tanto pela parte de terra, como pelo lado maritimo; achando-se inerte, como se acha, é ella hoje uma das mais fracas.

Em Berlin e Vienna d'Anstria fazem-se presentemente grandes trabalhos de defeza. Assim vão os governos, pondo em pratica a opinião de Napoleão 1.º—de que o melhor uso que pôde fazer-se das fortificações, é de circumdar com ellas as grandes capitães.

A posse de Lisboa tem uma influencia immensa nos destinos de Portugal. E' esta uma verdade ha muito reconhecida. Já a Filipe IV de Castella se aconselhava que não fizesse a guerra a Portugal senão em Lisboa. E lord Wellington nas instruções que deu em outubro de 1809 para se fortificarem as posições, a que depois se deu o nome de linhas de Torres Vedras, dizia—o grande objecto que se deve ter em vista na defeza de Portugal é a posse de Lisboa e do Tejo, e todas as nossas medidas devem ser dirigidas para esse fim.

Se pois o inimigo conseguisse tomar esta cidade por um ataque repentino de viva força, a conquista do reino seria dias de madrugada, e recolhia só pela noite dentro, cangado, moído, e com disposições de cão-de-fila. Consultou o «Almanach do commercio» rompen dez pares de botas nas calçadas de Paris, fatigou os e-hos da prefeitura de policia, passou horas inteiras a fazer sentinella a todas as legações estrangeiras, percorreu os arrabaldes, bateu Versailles e seus suburbios, moveu ceus e terra, e em nenhuma parte descobriu o rasto da passagem, ou da residencia d'Onésime Toucard.

Ora, em quanto as pernas d'elle funcionavam ao longo, as notas do banco abaloiçavam no esconderijo á mercê dos ladrões ou do incendio, e a ciança confiada á uma visinha desprezível de sorrir á Europa enfermejada do paé. Um tal estado não podia prolongar-se. O senhor Germinal renunciou a fim ás corridas infructuosas; quebrou o meallinoz onde, depois que era viuvo, amontuara cinco reis a cinco reis os elementos d'um dote para sua filha, e graças a este dinheiro tirado ao necessario, publicou nos jornaes um annuncio, depois dois, depois tres, depois vinte.

Metteu mãos á obra sem perda de tempo, por espaço de muitos mezes, sahia todos os

(Continúa)

provavelmente effectuada com pouca difficuldade, porque o exercito portuguez, mesmo achando-se em estado completo de pé de guerra, não seria bastante forte para defender por si só o territorio nacional contra o exercito invasor, o qual necessariamente havia de ser superior em numero, condição indispensavel para que tentasse uma tal operação com probabilidade de bom resultado; demais, presentemente, para se fazer uma invasão em Portugal, ha meios que a facilitam, que n'outro tempo não existiam; taes como os grandes transportes movidos por vapor, os caminhos de ferro e boas estradas.

Se o povo portuguez fosse surpreendido como o foi em 1807, poderia ficar sujeito por algum tempo sob o dominio estrangeiro, e soffrer o pezo de enormes contribuições e outros males, como soffreu então; mas elle havia de reagir para recobrar a sua independencia.

A invasão porém poderá ser repellido, e a independencia efficazmente defendida, se a cidade de Lisboa e o Tejo forem postos em estado de resistirem por largo espaço de tempo, a qual quer ataque, e mais efficazmente ainda se a cidade do Porto estiver sufficientemente fortificada e armada. E n'estas cidades que convem accumular os nossos principaes meios de resistencia, não podendo ser disseminados, sem perigo de serem destruidos. Frederico II dizia aos seus generaes, que «na guerra defensiva aquelle que quer cobrir tudo não cobre nada.»

Estes dois pontos fortificados, e alguns outros de menor importancia, dariam ao exercito em campanha apoio sufficientemente para poder manobrar sem risco de comprometter a sua existencia.

A lei de 11 de setembro de 1861, pela qual o governo foi authorisado a fortificar as duas cidades, e applicar a isso 400 contos de reis, tem em vista aquelle fim.

Para se lhe dar principio d'execução, fizeram os officiaes engenheiros estudos excellentes em uma vasta extensão dos contornos desta cidade, e foram expropriados os terrenos necessarios para se começarem as obras.

No dia 30 de dezembro de 1863 que Sua Magestade El-Rei se dignou fazer na Serra de Monsanto a solemne inauguração dos trabalhos das fortificações da capital, sendo acompanhado neste acto por seu augusto pae e seu augusto irmão.

As obras progrediram depois, com a possivel actividade, até ao mez de outubro de 1865, em que os trabalhos pararam.

Tambem se trabalhou em reparar os fortes de Alcantara e de Almada, para receberem peças de grandes calibres, capazes de destruir navios couraçados; dando-se assim principio á execução das obras destinadas ás defezas do porto de Lisboa.

Se os trabalhos projectados e começados para a fortificação da capital forem effectuados, ella ficará ao abrigo de um bombardeamento, e de ser tomada por um ataque de viva força, ainda quando nesta cidade exista somente a sua guarnição ordinaria da primeira linha, contanto que a segunda linha esteja organizada, e em estado de começar a defeza.

Então um exercito inimigo que tentasse tomar Lisboa, seria forçado a fazer um sitio regular, segundo as regras da sciencia militar; operação morosa, e que daria tempo bastante para que a nação podesse levantar-se em massa, e organizar-se contra o invasor, e para receber auxilios dos nossos aliados. E com estes meios se habilitaria para expulsar o aggressor do solo da patria.

A nação portugueza tendo bem fortificada a sua capital e tendo as forças militares bem disciplinadas, pôde por si só, sem auxilio estranho, defender-se contra a potencia que durante 60 annos a teve debaixo do jugo. Mas não o poderá fazer, com probabilidade de bom exito, se Lisboa e o Tejo estiverem sem fortificações e sem armamentos.

Se porém essa potencia for auxiliada por uma outra em um ataque contra nós, carecemos n'este caso dos soccorros dos nossos aliados; e para que possamos contar com elles, é preciso que de antemão tenhamos preparado pontos fortificados, em que as suas tropas, combinadas com as nossas, possam apoiar as suas operações; pois que, segundo dizia Napoleão «sem praças de guerra devidamente guarnecidas, não se podem combinar planos de campanha». E se

por incuria nos-sa não tivermos essas praças, não é provavel que os aliados queiram partilhar connosco a sorte que d'isso poderá resultar.

Todos os portuguezes, sem differença de partidos, querem a independencia da patria commum, e por isso é do interesse de todos que estejamos sempre promptos a repellar qualquer estranha aggressão.

A attenção publica não se tem dirigido até agora, tanto quanto é necessario, sobre a questão concernente á defeza do nosso paiz; o que sem duvida é devido a não ter havido receio d'uma aggressão estranha. Se porém esse receio apparecer, a opinião exigirá então que se tornem promptas e efficazes medidas de segurança. Mas tambem poderá acontecer que n'esse tempo já seja tarde para tomar taes medidas, mesmo as mais urgentes; quando aliás com vagar e circumspecção ellas poderiam ter sido tomadas de antemão. Convem-nos pois não esquecer a antiga maxima de nos preparar para a guerra durante a paz.

Quando essa opinião se formar, ella hade actuar sobre os poderes do estado, e a lei de 11 de setembro de 1861 terá execução; o exercito hade melhorar em disciplina; a reserva organizar-se e tambem uma segunda linha: as construcções navaes necessarias hão-de fazer-se, e o armamento indispensavel será adquirido.

Então a nação portugueza poderá julgar-se preparada para a defeza da sua independencia.

O simples facto de serem levadas a effecto estas medidas, mostrando que n'um ataque que se nos fizesse haviamos de oppôr tenaz resistencia, seria bastante para desvanecer, ou pelo menos, para adiar quaesquer ideias de annexação, que por ventura possam existir. Enquanto que se as cousas continuarem no estado em que presentemente se acham, essas ideias hão-de robustecer-se, esperando occasião opportuna para se realizar a tentativa com segurança.

Acontecimentos imprevisitos pôdem produzir differenças entre os governos peninsulares, que forneçam pretextos mais ou menos plausiveis para uma aggressão.

A invasão de 1807 não foi precedida de declaração de guerra. E depois d'aquelle anno, mais de uma vez se tem começado as hostilidades, sem se praticar aquella formalidade, ou ella tem tido lugar já quando as forças aggressoras estavam em marcha para effectuarem a invasão, como accaba de succeder nos estados de Saxonia, Hanover, e Hesse-Cassel.

Se se disser que estando Portugal em boa harmonia com todas as nações, não ha motivo para receiar que seja aggreddido por nenhuma d'ellas, poderá responder-se que estiveram tambem em harmonia as duas grandes potencias que cooperaram para despojar a corôa da Dinamarca da posse das provincias que, ellas mesmas, por tractado solemne, lhe haviam garantido; e que actualmente se acham em armas uma contra a outra.

As boas relações em que estamos com as nações estrangeiras pôdem ser quebradas, sem que para isso nós tenhamos dado motivo algum, e esta consideração é bastante para nos constituir no dever para com a nossa patria, de tomar as cautellas convenientes para fazer frente ás eventualidades que possam sobrevir.

Talvez que a opinião do nosso paiz sobre a necessidade d'estas cautellas tarde ainda a formar-se. Será pois um dever de consciencia procurar despartala.

Continuarei portanto na insistencia de que se construam as fortificações de Lisboa e do Tejo, objecto em que ha muito tempo me tenho empenhado, mas que só no anno de 1857, pude começar a tratar de um modo pratico, referendo, como ministro da guerra, o decreto pelo qual El-Rei o Senhor D. Pedro V mandou que o general Costa commandante dos engenheiros, procedesse á execução dos estudos necessarios para se poder determinar o plano das referidas obras.

N'esta insistencia honro-me de seguir o exemplo do grande general, sob cujo commando servi quatro annos em campanha.

O duque de Wellington chamou inutilmente durante muitos annos a attenção do seu governo e do parlamento sobre o estado de decadencia em que no seu paiz as cousas militares haviam cahido

depois da paz geral de 1815; em quanto que a França, restabelecida dos desastres que tinha experimentado, estava ansiosa de recuperar o seu antigo prestigio. Mas os conselhos do duque não foram seguidos, porque os negocios economicos absorviam todos os cuidados dos poderes publicos.

O sentimento que elle soffria por tal descuido acha-se energeticamente manifestado em uma carta que em 1847, escreveu a um distincto general, e que então foi publicada. N'esta carta, depois de notar como em Inglaterra poderia effectuar-se o desembarque de uma expedição franceza, e de dizer que conhecia alguns generaes francezes capazes de conduzirem um exercito de 40.000 homens até Londres; acrescentava: «Tenho-me esforcado inutilmente em chamar a attenção das diversas administrações sobre o estado das coizas, que os nossos vizinhos e rivales conhecem tambem como nós.

«Tenho atravessado honrosamente mais de setenta e sete annos, e espero que o Todo Poderoso me ha de poupar o pezar de ser testemunha de uma tragedia, contra a qual não tenho podido persuadir os meus contemporaneos de se prevenirem.»

Pouco tardou porém que os acontecimentos de França viessem encher de receio a Grã-Bretanha. Então o povo, o governo e o parlamento, parecendo acordar d'um longo lethargo, formaram dentro de poucos mezes um exercito de voluntarios, destinaram sommas enormes para fortificações, construcções navaes e armamentos, e puzeram em execução com a maior celeridade as medidas defensivas julgadas necessarias.

Se um parlamento tão illustrado como é o britanico, se um povo que tem uma imprensa que com tão grande lucidez discute os negocios publicos deixou sem echo, durante muitos annos, a voz do homem que tanto concorrera para engrandecer a sua patria, não é de admirar que em Portugal se tenha prestado tão pouca attenção aos negocios que dizem respeito á defeza do reino.

E preciso por tanto, insistir com perseverança sobre a urgencia das medidas indicadas, até que ellas sejam tomadas; afim de que Portugal seja posto em circumstancias de poder resistir tenaz e efficazmente a qualquer aggressão.

Foi este o motivo que presidiu á redacção d'este escripto e que determinou a sua publicação.

Lisboa 6 de julho de 1866.  
SA DA BANDEIRA.  
(J. do Commercio).

## REVISTA EXTRANGEIRA

O imperador Francisco José entregando o Veneto ao imperador Napoleão, e pedindo-lhe a sua intervenção para um armisticio, obraria um acto espontaneo de amor da humanidade e de abnegação, ou não quererá senão enganar e contemporisar?

Como devemos responder a estes quesitos o futuro o mostrará; no entanto vejamos em que pára o negocio.

Um ultimo telegramma de Stuttgart diz que a prussia aceitava o armisticio com condições a que a França não pôde annuir por offender a independencia de uma potencia neutra. Desta resposta desprende-se bem a ambição da Prussia; quer-se por fas ou por nefas tornar uma grande potencia continental e maritima.

Na Austria quer-se a todo o custo a continuação da guerra com a Prussia e a paz com Italia, poisahi a opinião publica conhece bem que na guerra de Italia a justiça está da parte d'esta; e que a da Prussia foi promovida por uma desmarcada e injusta ambição.

Como quer que seja, parece que o obstaculo á paz virá da parte da Prussia, e não das outras duas potencias. A Italia acceitaria gostosa uma paz que lhe dava a liberdade do Veneto, sem derramamento do sangue de seus proprios filhos; porém ligada á Prussia por uma alliança offensiva e defensiva, será obrigada, ainda mesmo contra vontade, a secundar a ambição d'esta potencia.

A Austria interessa muito a paz, pois vê-se apertada d'um lado pela Prussia e do outro pela Italia, constando tambem que na Hungria já rebentára a revolta. A ser verdadeiro este ultimo caso, a continuação da guerra é a morte da Austria.

A Correspondencia Zeidler derrama

alguma luz nas intenções pacificas da Austria, quando diz:

« Alguns personagens, que parecem gosar de certa confiança na corte de Vienna, apresentaram indicações confidenciaes no sentido de que a cessação dos principados do Hohenzollern e o engrandecimento da Austria do lado do Wosenberg, parte que hoje pertence ao grão-ducado de Baden, au Wurtemberg e á Baviera, formariam uma base propria para resolver pacificamente as questões que agora se discutem pelas armas entre a Austria e a Prussia.

On tenha de haver paz ou de continuar a guerra, parece contudo que a diplomacia não deixará de trabalhar com afincio para a manutenção da paz, pois a quebra dos interesses geraes faz odear a guerra.

A falta de outras noticias ahi dadas alguns extractos interessantes.

Lê-se na «Independence belge»:

Como os exercitos da Saxonia e Silesia fizeram um movimento em toda a linha desde Gorlitz ate Neisse, deram-se algumas escaramuças na Bohemia entre as forças prussianas e austriacas. A fortuna tanto quanto se pôde julgar pelas versões incompletas recebidas tanto de Vienna como de Berlim, parece ter partilhado os seus favores. Vencedores perto de Turnau e de Munchengraetz, os prussianos tiveram de abandonar o terreno aos seus inimigos em Skalitz, do lado de Nachod e de Neustadt. Turnau fica no caminho direito de Reichenberg a Praga por Jung Banzlau; Nachod e Neustadt ficam a leste de Josephstadt, onde acaba o caminho de Glatz na Silesia prussiana. Em Turnau os prussianos fizeram prisioneiros 7 officiaes e 500 homens; em Neustadt, pelo contrario, retiraram-se deixando, segundo a versão austriaca, os seus mortos e feridos no campo da batalha.

« Ao mesmo tempo que estes acontecimentos se passavam na Bohemia, os prussianos, repellidos uma vez em Oswiezim, na Gallitzia, voltaram á carga no dia 27 com 4 batalhões e meia bateria; porém novamente foram repellidos, depois de um combate mui renhido, sendo de parte a parte as perdas muito sensiveis. »

« Das noticias recebidas a respeito do combate de Nachod, em 27 do passado, consta que effectivamente os prussianos levaram vantagem e repellidos os austriacos até a praça forte de Josephstadt; porém mais tarde, já de noite a sorte foi-lhes desfavoravel. O combate foi renhidissimo. A resistencia dos austriacos tinha por fim evitar a junção entre o exercito da Silesia e o da Saxonia.

« Houve tambem um combate entre os prussianos e o exercito hanoveriano. Das noticias relativas a este combate se depreheende que o resultado não foi desfavoravel aos hanoverianos. »

« A guerra que divide a Alemanha em dois campos teve por primeira consequencia lançar a maior perturbação nas relações de commercio entre os paizes estrangeiros e o Zollverein. Os interesses envolvidos neste commercio internacional muito se têm resentido, e o governo francez não deiza de preoccupar-se de uma situação que altera o estado de cousas creado pelo tractado de 1862. Informou-se das disposições da maior parte dos estados que fazem parte do Zollverein, e obteve para os seus subditos que as fazendas, exceptuando o contrabando de guerra, possam passar de um paiz belligerante para outro, conservando o beneficio das tarifas estabelecidas pela convenção commercial. »

Lê-se na «Epoca», folha de Madrid:

« Todas as noticias e correspondencias que temos visto na imprensa ingleza e franceza demonstram que os recontros ou acções que têm havido na Bohemia não são mais do que o prologo de uma grande batalha, que talvez n'este momento se esteja verificando. Estes recontros, que têm sido muitos, têm tido differente desenlace, uns favoraveis aos austriacos e outros aos prussianos. Parece que os dois grandes exercitos prussianos, commandados pelo principe Frederico Carlos, e pelo principe herdeiro, invadiram a Bohemia, vindo da Silesia e da Saxonia; e que os austriacos, favorecidos pelas formidaveis posições que occupam, repellidos quasi todas as forças prussianas que se dirigem sobre a fortaleza de Josephstadt, para d'alli marcharem sobre Praga, capital da Bohemia.

« Nos recontros do exercito da Saxonia, commandados pelo general Frederico Carlos, as vantagens têm estado do lado dos prussianos, enquanto que o outro corpo de exercito sob o commando do principe herdeiro, tem soffrido muito pelas tropas de Benedeck.

« A «France» nota que se os prussianos tivessem sido os vencedores, como se disse em Berlim, não teriam proposto um armisticio para enterrar os mortos e recolher os feridos: pois que quando se vence continua-se a avançar deixando os mortos atrás, e no territorio conquistado ha sempre tempo e lugar onde se enterrar. Os vencidos negarem um armisticio aos vencedores é uma cousa summamente original.

« Os telegrammas de Vienna, recebidos na Inglaterra, manifestam que os austriacos conseguiram o seu grande fim de impedirem a reunião do exercito prussiano, e annunciam que de um dia para o outro deve receber-se a noticia de uma grande batalha.

« Munchengraetz, onde se verificou o primeiro combate serio entre austriacos e prussianos, pertencencia já á historia contemporanea por um feito de natureza muito distincta. Foi n'esta cidade que no dia 8 de setembro de 1833, o imperador da Russia, o da Austria e o rei da Prussia assignaram um tratado para assentar mais as suas relações de amizade e de visinhança, pelo qual cada um d'elles se

compromettia a ter sempre um corpo d'33.000 homens á disposição dos seus alliaes, para quando se desse o caso de rebentar a Polonia algum novo movimento nacional.

— A «Gazeta de Londres» publico hontem (29) de tarde um supplemento, q contém a proclamação seguinte feita em nome da rainha, e de que já demos noticia r extracto.

### Proclamação de neutralidade feita pela Inglaterra.

«Attendendo a que nos achamos felmente em paz com todas as potencias e toos os estados soberanos; que, apesar dos nossos supremos esforços para conservar a paz entre todas estas potencias e todos estes estados soberanos que n'esta occasião se acham em guerra, as hostilidades começaram desgradamente entre sua magestade imperial o imperador da Austria, sua magestade o rei da Prussia, sua magestade o rei da Italia, e a confederação germanica, assim como entre os seus respectivos subditos e outros que habitam nos seus paizes, territorios e possessões; attendendo a que estamos em relações amigaveis com todos e com cada um dos estados soberanos, com a confederação germanica, com os seus diferentes subditos e outros individuos que habitam os seus paizes, territorios e possessões; attendendo a que um grande numero dos nossos fideis subditos residem e negociam, possuem bens e estabelecimentos, gosam de diversos direitos e privilegios nas provincias de cada um dos sobreditos estados soberanos, sob a protecção da fé dos tratados concluidos entre nós e cada uma das ditas potencias e soberanias; attendendo a que, desejando conservar aos nossos subditos os beneficos da paz que actualmente têm a felicidade de gosar, estamos firmemente resoltos a abster-nos completamente de tomar parte directa ou indirectamente na guerra que por desgraça existe hoje entre os ditos estados soberanos, seus subditos e seus territorios; attendendo a que nos achamos resoltos a conservar a paz, a sustentar relações pacificas e amigaveis com todos, e até mesmo com os seus respectivos subditos e mais individuos que habitam os seus paizes territorios e possessões e observar uma rigorosa imparcial neutralidade nas ditas hostilidades que infelizmente existem entre elles; Julgamos a proposito, por consequencia, e em vista da opinião do nosso conselho privado; publicar a presente proclamação real pela qual recommendamos a todos os nossos muito amados subditos o regular o seu procedimento e observarem uma estricta neutralidade durante a sobredita guerra e referidas hostilidades, assim como de se absterem de violar ou infringir tanto as leis e os estatutos do reino n'este ponto, como a lei das nações que se refere a esta parte, porque serão, sob seus riscos e perigos, responsaveis pela contravenção.»

Em seguida acham-se citadas as clausulas do acto do 39.º anno do reinado de Jorge III, as quaes tem por fim impedir o alistamento dos subditos de sua magestade no serviço de outra qualquer nação, e o armamento ou equipamento, nos estados de sua magestade, de navios, cujo fim seja o fazer a guerra sem a licença real.

A proclamação continua n'estes termos: «Finalmente, agora que nenhum dos nossos subditos se expõe inconscientemente ás penalidades impostas pelo dito estatuto, recommendamos peremptoriamente pela presente que pessoa alguma, qualquer que seja, commetta acto algum, facto algum, ou cousa alguma, seja de que natureza for, contrario ás clausulas do dito estatuto, sob pena de incorrer nos rigores impostos pelo referido estatuto ou no nosso soberano desagrado.

« Recommendamos alem disso, pela presente a todos os nossos muito amados subditos e a todos aquelles que tenham direito á nossa protecção, que observem estricatamente a neutralidade perante cada um e todos os estados e soberanias, assim como de todos os belligerantes, quaesquer que elles sejam, com quem nos achamos em paz, e que respicem em todos e em cada um d'elles o exercicio dos direitos belligerantes, que nós e os nossos reaes predecessores temos sempre reclamado privilegio de exercer. Prevenimos ainda todos os nossos muito amados subditos e todas as pessoas que tem direito á nossa protecção, que o usarem em desprezo da presente real proclamação, concitando o nosso soberano desagrado, commetter algum acto contrario aos seus deveres, como subditos de um soberano neutro, n'uma guerra entre outros estados e soberanias, que transgredirem as disposições acima mencionadas, o farão sob seus riscos e perigos, e que não obrarão protecção alguma contra a captura, ou as penalidades acima enunciadas, incorrendo pelo contrario no nosso manifesto desagrado.

« Dada no palacio de Windsor, aos 27 de junho do anno de Nosso Senhor de 1866 e no 33.º anno do nosso reinado.  
« Deus salve a rainha. »

(Daily News.)

Lê-se no Times, de 29 do passado: «Perto de vinte dos principaes amigos de Lord Derby reuniram-se hontem no seu palacio de Saint James-Square. Lord Derby conversou com elles durante muito tempo, e declarou que, a pedido da rainha e em consequencia da sua propria opinião sobre as necessidades de momento, tenciona offerecer logar distinctos a diversos membros do partido whig e até a certos membros do governo de Lord Russell. Pediu pois aos seus amigos que até certo ponto façam o sacrificio das suas justas pretensões. Em certos casos, disse lord Derby pôde ser necessario que os meus amigos renunciem inteiramente ás suas pretensões aos empregos; em outros, terão de aceitar logares de ordem superior aquelles a que resoavelmente poderiam aspirar. « Os nobres e os nobres informados de que o conde de presentos accedera ás propo-

Derby, e declararam que estavam resolvidos a fazer todos os sacrificios necessarios para a formacao de uma poderosa administracao.

Lord Derby foi depois conferenciado com a rainha em Windsor. Nenhuma nomeacao se fez ainda, e nenhuma se fara enquanto houver a perspectiva de escolha no partido whig.

TELEGRAPHIA

Lisboa 11 de Julho ás 8 horas da manhã. (Do nosso correspondente)

Paris 9 — A «Patrie» diz que é possível que as negociações sobre o armistício terminem hoje ou amanhã; está estabelecido o accordo com a Prussia.

Continuam as negociações relativamente ao Veneto. Os Italianos querem occupar já duas fortalezas, das quaes uma é Peschiera.

Berlin 9 — O principe real perseguindo os austriacos, passou além de Pardubitz.

Berlin 10 — Os prussianos repelliram as condições de capitulação propostas pelo commandante de Königsgratz.

Munich 10 — A «Gazeta de Baviera» diz que os prussianos marcham sobre Praga e Pilsen, tendo destruido as pontes sobre os caminhos de ferro.

A Prussia aceita a mediação franceza.

Paris — 10 Chegou o principe Reus, portador de uma carta do rei da Prussia para o imperador que o receberá hoje.

O principe Napoleão parte para o quartel general italiano, para regular as condições do armistício.

A esquadra couraçada de Toulon arma dous navios mais.

NOTICIARIO

Festejos. — Domingo (8) festejou-se o anniversario do desembarque das tropas constitucionaes no Mindello, commandadas pelo immortal dador da Carta o sr. D. Pedro IV.

Arraial. — Sabbado á noite haverá musica, illuminação e fogo d'artificio nas Cavalheiras junto ao cruzeiro do Senhor da saude, cuja festa se celebra no domingo.

Inquerito. — Ante-hontem começou o inquerito acerca do procedimento dos professores e mais funcionarios do lyceu d'esta cidade.

Melhoras. — O sr. Manoel Joaquim Manso, escrivão da camara municipal, já se acha restabelecido da sua longa enfermidade. Damos os parabens a s. s.

A Ilustrissima camara. — Temos ouvido queixar-se muita gente por se fechar o jardim do campo de Sant'Anna á hora em que mais appetee ir alli tomar a fresca, n'estas noites calmosas do verão.

A mesma. — Pedimos a qualquer dos snrs. camaristas se dirija á rua de S. João á respirar as emanacões odoríferas das aguas que alli estão sempre estagnadas; depois, se ainda tiver forças para tanto, vá á camara e proponha que se monde concertar os canos e calçada d'aquella rua.

União Catholica. — Com este titulo principiou a publicar-se em Braga um novo semanario religioso, litterario e noticioso.

É editor responsavel o sr. José Maria Dias da Costa.

Agradecemos a remessa desejando ao collega uma longa e prospera vida.

Relatorio. — Agradecemos a remessa do relatorio dirigido, em 28 de julho de 1866 ao ministro das obras publicas commercio e industria pelo sr. Domingos Maria Gonçalves, conductor d'engenharia civil, e encarregado de colligir os apontamentos para a historia da industria nacional.

Promoção. — O excm.º sr. João Pedro Schwabak, commandante de caçadores 9, foi promovido ao posto de Coronel de infantaria n.º 1, conservando-se comtudo no commando d'aquelle corpo.

Ao correspondente do Nacional. — Pedimos a este nosso patricio, a quem não temos a honra de conhecer, que escreva com um pouco mais de grammatica afim de se poder entender e apreciar as boas cousas que s. s.ª de certo pertender dizer nas suas cartas. Se não sabe, peça á illustrada redacção do Nacional que mande rever com cuidado as provas do que s. s.ª escreve.

Festividade. — No dia 15 do mez corrente tem de haver uma solemne festividade na igreja de S. Salvador de Joanne em honra do Santissimo Sacramento e em satisfacção d'um voto, a que está ligado o ex.º commendador Antonio Luiz Machado Guimarães de Villa Nova de Famalicão.

Folheto. — Em Lisboa publicou-se um folheto que tem por titulo — Carta de Catão o despeitado ao rei Caramba, o matafrades.

Pelo titulo ninguém desconhece a quem são dirigidas as quadras do folheto, pois que é escripto em verso. (Braz Tizana)

Suppõe-se perdido. — Ha grande inquietação na Inglaterra a respeito do navio «Monarch of the Seas», sahido de Liverpool a 19 de março para Nova-York, com uma equipagem de 59 homens e 639 passageiros emigrados, dos quaes 593 são adultos.

Desde o dia em que este navio, o mais bello que tem entrado no Mersey, deixou Liverpool, ainda não houve d'elle a mais pequena noticia, nenhum outro navio e encontrou, e as ultimas noticias dos Estados Unidos, de 16 de junho, não dão a sua chegada. Tudo faz crer que se perdeu completamente. O capitão que o commandava era um habil marinheiro. Os passageiros eram 58 inglezes, 20 escocèzes, 519 irlandezes e 47 estrangeiros.

Terrivel explosão. — Teve lugar uma terrivel explosão em uma mina do condado de Dunkinfield (Inglaterra). Setenta e tres operarios ficaram sepultados n'uma galeria. Apesar dos promptos socorros só se puderam salvar uns vinte; já se extrahiram 53 cadaveres. (Idem)

Cazamento original. — Em Amplepus casou-se um joven, viuvo em segundas nupcias, que conta noventa annos com uma viuva em sextas nupcias, que conta oitenta e uma primaveras. (Idem)

Suicidio d'um coronel. — Um telegramma de Molletta, com data de 23, diz que o coronel Spechi do regimento de voluntarios de Garibaldi, se suicidára com um tiro de pistola, deixando a seguinte carta:

«Ninguém se occupe de minha morte; o honroso posto que me foi confiado é superior ás minhas forças. Peço ao bravo major Tosca para enviar a minha irmã Adele tudo o que me pertence. Desejando a victoria aos italianos, rogo ao meu dilecto general Garibaldi de não esquecer o seu infeliz Spechi.»

O coronel mostrava-se ha muito tempo preocupado, com a gravidade das suas funcções. (Idem)

A Europa em pé de guerra. — Eis segunda uma noticia publicada em Paris, intitulada Estatistica dos Exercitos de terra e de mar, quaes os exercitos de toda a Europa em pé de guerra.

Table with 2 columns: Country and Number of men. Includes France (903617), Prussia (650000), Italy (421193), Russia (1200000), Spain (271900), Portugal (64118), Holland (92000), Sweden and Norway (139000), Denmark (41940), England (365000).

(Além de poder apromptar 230000 voluntarios).

Table with 2 columns: Country and Number of men. Includes Austria (651612), German Confederation (407361), Turkey (341580), Egypt, Moldavia, Wallachia, Montenegro and Servia (152000), Belgium (198201), Switzerland (80650), Roman States (12000).

Todos estes numeros somados dão um total de 5937272 homens. Exceptuando os doentes e impedidos haverá na Europa o nu-

mero de quatro milhões de homens para a guerra. Gazeta do Diario

Obras publicas. — O Diario de Lisboa publica a conta da despesa feita com as estradas do reino, no 2.º trimestre de 1865, e desde o começo d'ellas até essa data.

Foi a importancia d'essa despesa no referido trimestre de rs. 383,789,842.

Desde o começo da construcção d'essas estradas, até o indicado trimestre, foi reis 11.346,939,947.

Table with 2 columns: Location and Amount. Includes Vienna, Braga e Porto (2,026,025,689), Villa Real (909,466,959), Bragança (227,077,108), Aveiro (991,309,690), Vizeu (909,640,843), Guarda (680,247,527), Coimbra (757,177,089), Castello Branco (674,338,581), Leiria (535,237,867), Santarem (457,380,600), Lisboa (922,174,373), Evora (1,357,575,653), Beja (288,178,619), Faro (530,889,358).

Journal do Commercio

Modas. — Lê-se no Diario de Noticias:

Com semelhante tempo ninguém sabe com o que pode contar; nem mesmo os astrónomos sabem a quantas andam. Tudo está transformado; as próprias estações controvezaram as phases que até aqui eram julgadas immutáveis.

Desajavamoos fallar ás nossas leitoras sobre a gaze e o organli, mas não ousamos tal, visto ainda serem necessarias as toilettes de primavera, onde entram combinações para resistir aos aguaceiros imprevistos ou ás brisas tóxicas; sem comtudo desprezar os raios do loiro Apolo, vulgo sol de julho.

A continuação dos refriamentos do ar tornou a dar voga aos paletós curtos, de cachemira preta, mais ou menos ricamente bordados com contos de azeviche e passamanes.

Em Paris ha uma epidemia d'estes paletos. Os corpos dos vestidos para meninas solteiras fazem-se ordinariamente de foulard, linho ou chita, rivalizando com os de nansouk, quando se trata de evitar as lavagens, que se tornam caras pela frequencia. Os corpetes de linho crú enfeitam-se simplesmente com uma tira de linho branco, posta na orla do collarinho, nos punhos e no meio pelo lado direito.

Diz-se que em havendo calor se usarão todos os vestidos decotados com camisinha montante e mangas compridas.

Os vestidos de viagem e de campo já em França se usam francamente curtos, sem as velhades d'essa mudança radical no traje que se manifestam ainda em Paris nas tiras e presilhas, que arregaçam os vestidos de cidade.

As senhoras de Lisboa, que ha annos prestam a generosa coadjuvação de suas saias e vestidos para varrer as ruas, se quizerem competir com as parisienses terão dentro em pouco que adoptar o traje de leiteiras de opera comica ou das camponesas de Florian. Isto de certo irá contrariar muito os nossos edis, porque ver-se-hão obrigados a augmentar o numero de varredores, n'uma occasião em que é moda fazer, ou pelo menos fingir que se fazem economias.

Os chapéus estão cada vez mais divertidos; formas extravagantes e folgazas redemoinham em torno de nós; os pires de martinetes ferveilham nos passeios. Decididamente as nossas leitoras devem guardar as gravuras das modas actuaes, porque d'aqui a dez annos terão um lindo album de caricaturas.

Em compensação a moda apura-se no calçado. O dos homens não é menos esmerado. Também as obras dos nossos artistas de alto colthurno se resentem do luxo parisiense.

Para a semana fallaremos das que foram premiadas na exposição do Porto.

Egrejas a concurso. — Está aberto concurso por 30 dias a contar de 3 do corrente para provimento das seguintes egrejas:

- Aldeia Nova (Nossa Senhora da conceição), concelho de Trancoso, bispado de Pinhel.
Antas (S. Thiago), concelho de Villa Nova de Famalicão, arcebispo de Braga.
Cahide de Rei (S. Pedro), concelho de Lousada, arcebispo de Braga.
Darque (S. Sebastião), concelho de Viana, arcebispo de Braga.
Moreira de Rei (Santa Maria), concelho de Trancoso, bispado de Pinhel.

Os húngaros e os cavallos. — É sabido que o húngaro é o primeiro soldado de cavalleria do mundo.

O soldado húngaro tem pelo cavallo uma estima, que chega a ser carinhosa e ternura. Os soldados privam-se voluntariamente de sustento para que elle não falte aos cavallos em que tem de montar. A este respeito narra o correspondente de um periodico inglez a seguinte anedocta, que conhecem todos os austriacos.

Durante a campanha da Italia e mais

sucessos de 1848, chegaram aos ouvidos do general Radeszki repetidas queixas do muito que os soldados se davam á pilhagem, sempre que o podiam fazer.

O energico veterano passando depois d'isso revista a um esquadrao d'hussards, parou á frente da fileira e disse:

«Consta-me que os soldados se estão entregando muito ao roubo, distinguindo-se principalmente os hussards. Advirto por uma unica vez o seguinte: O primeiro soldado que roube é enforcado...»

«Meu general, posso fallar? perguntou d'ahi a pouco um veterano.

«Falla, respondeu Radeszki.

«Meu general, quando o meu cavallo não tiver de comer, tambem não poderei roubar?»

«Se alguém roubar, seja com que protexto for, é enforcado, repetiu o general com firmeza.

«Pois, meu general, declaro-lhe que se algum dia o meu cavallo tivesse fome, e os cabellos da barba de meu pae se convertessem em feno, eu arrancaria os cabellos da barba de meu pae, e enão agora não hei de roubar, quando não tiver que dar ao meu cavallo...»

E duas grossas lagrimas deslizaram pelas faces morenas do soldado.

«Estás preso; bradou-lhe o general, mandando-o retirar da fileira.

Pouco depois porém o general chamou á parte o commandante do esquadrao, e disse-lhe:

«Solte-me amanhã aquelle homem, e dê-lhe estes quarenta florins da minha parte. É um verdadeiro húngaro.

Pois duvide!... — A Nação lá lheusta a crer que a espada da justiça caia sobre a Austria, e, portanto, duvida da veracidade da noticia que o telegrapho hontem annunciou. A Nação não pôde conformar-se com o pensamento de que a Austria peça a paz, e, portanto, espera tranquilla pelo correo, para ver desmentida a noticia de que a Austria cede o Veneto a Napoleão, e aceita a sua mediação para a paz.

Com effeito, a Austria, que devio ser o vingadora dos thronos usurpados pelos povos a quem pertencem, acaba por ceder a Italia o disputado Veneto — pois que entregal-o a Napoleão III. é o mesmo que cedel-o a Italia — e d'este modo accrescenta os estados do rei Victor Manoel, quando devia despojar a sua corça de Parma, Modena e Napoles!

O desenlace é, realmente, para atordoar as cabeças dos que já descortinavam o vendaval que ia cair sobre a liberdade, e que particularmente tanto medo nos mettia a nos, como disse ha dias.

No entretanto, a Nação não faz justiça á generosidade da Austria. Ora veja: na Italia derrota os italianos; na Bohemia, segundo elle prova até á ultima evidencia, derrota os prussianos; e acaba pedindo a paz, e cedendo o Veneto, cousa em que não queria ouvir fallar antes de começar a guerra!

Nega-se ás conferencias para evitar a guerra, e depois d'esta começada, e sendo ella victoriosa no norte e no sul, pede a paz! Se isto não é generosidade, o que será?

A Nação não quer acreditar nos telegrammas recebidos directamente em Lisboa, annunciando as victorias dos prussianos; apellou para o correo, isto é, apellou para os telegrammas publicados pelos jornaes estrangeiros, e, mui satisfeita, oppoz telegrammas a telegrammas, e concluiu que os prussianos é que foram derrotados. Se esperava pelas communicacões officiaes, pelos factos subsequentes, poderia ter rasão, mas contradizer telegrammas por outros telegrammas, é ter muita fé em um caso, e muito pouca em outro.

Para acreditar no telegramma de hontem, é como S. Th. me; para acreditar nos telegrammas dos jornaes da sua feição, é credula.

Tenha paciencia: a espada da justiça protegeu a Italia, que logrará o fim que teve em vista n'esta guerra — alcançará o Veneto. O mais virá depois.

Confessamos que a Nação tem fundamento para duvidar, d'baixo de um ponto de vista. A noticia recebida hontem mostra que a politica da Austria é bem ridicula. Depois de tantas bravatas, ceder assim a posse da sua Venesa, do seu quadrilatero! E depois, é uma desillusão tristissima ver o papão dos liberaes, o mais forte elemento da santa aliança, a mostrar-se o mais fraco na contenda, e a desfazer-se de uma provincia, cuja defeza lhe tem custado milhões!

Tudo isto parece absurdo e impossivel a quem na Austria punha as suas esperanças de restauração, por isso achamos justissima a duvida da Nação.

(Journal do Commercio)

RELIGIÃO

JULHO 12.

S. João Gualberto.

S. João Gualberto nasceu em Florença no principio do XI. seculo, e foi cuidadosamente educado nas maximas de piedade e nas sciencias; mas apenas

entrando no mundo, adqueriu o gosto de suas vaidades. O amor dos prazeres o arrastou de tal sorte, que lhe pareceu innocente o que primeiro julgava criminoso. Imaginou que a dissipação e o fausto devião ser um privilegio de seu nascimento. Emfim, estava perdido sem recurso, se Deus lhe não deparasse uma circumstancia favoravel para lhe abrir os olhos.

Uma sexta feira santa encontrou o assassino de seu irmão, e, possuido das ideas de vingança que ha muito nutria, ia trespassal-o com sua espada, quando o infeliz ajoelhando, com os braços em cruz, lhe supplica pela Paixão de Jesus Christo que o não matte. Gualberto, que ainda conservava alguma fé, não pôde resistir a este enternecedor espectáculo: perdoa a seu inimigo, e, diringindo-se a uma abbadia visinha, prostra-se tambem de joelhos aos pés de um crucifixo.

Mudado repentinamente, toma o habito de S. Bento, e foi religioso tam exemplar, que depois da morte do abbade conseguiu todos os suffragios; porem recusou aceitar, Retirou-se a Vallobreus, que foi berço de uma nova ordem, onde a regra de S. Bento era executada em todo o seu rigor. Morreu em 1073.

MEDITAÇÃO. Memento, Domine, David, et omnis mansuetudinis ejus. PSAL. 131.

Lembrai-vos, Senhor, do vosso servo, e da dorçura com que elle perdôa as injurias que lhe fazem,

JULHO 13. S. Anacleto, P. M.

O Domine, ego servus tuus, ego servus tuus. PSAL. 115.

Eu sou vosso servo, ó meu Deus, sim, eu sou vosso servo.

COMMUNICADOS

Sr. redactor. Vou levar ao conhecimento de V. e do publico, um facto que no domingo teve lugar na igreja de S. João do Souto, pela occasião da procissão do SS. Sacramento d'aquella igreja.

Tendo eu recebido ha dias, um variado sortimento de vestidos d'anjos, que mandei fazer para o meu estabelecimento de armador, resolvi cumprir a promessa de oferecer minha filha gratuitamente d'anjo áquella procissão. Ao entrar a porta d'aquella igreja, encontrei o sr. Narciso armador que com ar despotico me ordenou em nome d'elle (como refugio da meza) retirasse o anjo da procissão, com pena de receber uma desfeita.

Não me assustaram as ameaças d'este honesto mezarrio, mettendo minha filha dentro da alla da irmandade de St.º Cruz de que sou irmão; porém a inveja do sr. Narciso ascendeu a tal ponto que como estonteado procura o regedor da freguezia e á ordem da meza (dizia o sr. regedor) me ordenou de novo que retirasse o anjo da procissão.

Este escandalo praticado pelo sr. Narciso, principiou a produzir effeitos nos espiritos de pessoas que conheceram a razão que me assistia; porém, aconselhado pela prudencia julguei melhor retirar-me, e procurando o sr. padre Bernardo Pimenta, secretario da meza, a quem eu havia pedido para o mencionado anjo, este me disse que ignorava os motivos que a isso obstassem, e dirigindo-se a outros snrs. da meza para lhe fazer ver que não havia motivo algum que prohibisse que o anjo acompanhasse a procissão, pelo filho do mencionado armador foi dito ao sr. Padre Bernardo que não desse treta porque de contrario lhe esbofistearia a cara mesmo dentro do templo! Que santa Gente!! Tal pae, tal filho!!!

Attentas estas historietas dos meus amados collegas, diriji-me a mais alguns snrs. de meza, que mostrando-me estes de sobra o quanto estavam dominados pelos pedidos do sr. Narciso e filho, entendi retirar o anjo das suas iras.

O Procedimento da meza n'esta questão, deveria ser mais prudente e ajuizado, devendo evitar que n'aquella occasião se desse um escandalo de tal ordem que em nada honras. s. s.ª tomando o partido do faminto armador, que lhe pareceu feio que o meu vestido sabisse ao meio dos seus porque lhe era muitissimo superior.

No entanto, sr. redactor, a nobreza dos miseraveis é sempre esta, e para que o publico os conheça como taes, pedio a V. desse publicidade a estas linhas pelo que lhe ficará summamente agradecido, o

De V. João Baptista Ribeir

Braga 10 de Julho de 1866.

